



# (NOVAS) PALAVRAS DA CRÍTICA

Organizadores

José Luís Jobim

Nabil Araújo

Pedro Puro Sasse



# edições makunaima

Coordenador

José Luís Jobim

Revisão, diagramação e editoração

Casa Doze Projetos e Edições



## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

N935 (Novas) Palavras da Crítica [livro eletrônico] / Organizadores José Luís Jobim, Nabil Araújo, Pedro Puro Sasse. – Rio de Janeiro, RJ: Edições Makunaima, 2021.  
785 p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87250-19-9

1. Literatura – Terminologia. I. Jobim, José Luís. II. Araújo, Nabil.  
III. Sasse, Pedro Puro.

CDD 803

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

# (Novas) Palavras da crítica

ORGANIZADORES

José Luís Jobim  
Nabil Araújo  
Pedro Puro Sasse

Rio de Janeiro

2021



# Inconsciente<sup>1</sup>

*Kathrin Holzermayr Rosenfield*

*Inconsciente* foi (e ainda é) uma palavra mágica; já no início do século XX ela começou a ser associada com o nome de Freud, mas muito poucos usuários tiveram então plena consciência da complexa teoria da sexualidade e do aparelho psíquico que o pai da psicanálise construiu ao redor desse termo, ou tomaram conhecimento das suas importantes modificações ao longo das décadas. No entanto, não foi o pai da psicanálise quem cunhou esse termo. Já o filósofo alemão Karl Robert Eduard von Hartmann (1842 – 1906) publicou uma obra de êxito com o título *Filosofia do inconsciente*, editada em 1868 e reeditada inúmeras vezes depois. Décadas antes, o filósofo e pai da pedagogia, Johann Friedrich Herbart (1776 – 1841), também já falava do inconsciente na sua obra *Psychologie als Wissenschaft* (1824). E a ideia de uma dimensão psíquica ou espiritual entrelaçada de modo inextricável com a materialidade do corpo, ou nos vínculos sociais, ou numa memória nebulosa e ancestral, que escapam à consciência e à vontade (ética ou racional) encontra-se em diversos autores do século XIX e do XX.

231

O que distingue o Inconsciente freudiano do inconsciente das psicologias e antropologias filosóficas é a abordagem clínica e empírica, científica e teórica de Freud, que parte da hipótese (ou quase do postulado) de que existe um elo entre o inconsciente e a sexualidade. Essa abordagem rompeu com um grande tabu e foi considerada na época como escandalosa. Assim, a sexualidade ocupava num pri-

---

1 Agradeço à minha colega e amiga Susana Kampff Lages pela conscienciosa leitura desse ensaio e suas sempre pertinentes sugestões.

meiro momento amplo espaço sobretudo na correspondência entre Freud e seu amigo Fliess. E os relatos clínicos mostram o quanto Freud aprendeu nas conversas com seus pacientes, suas perguntas francas nomeando e dando voz a essa outra realidade repudiada. A linguagem rica, delicada e precisa que Freud assim forjou foi reconhecida, no final de sua carreira, como uma inovação literária de primeira ordem e Freud ganhou em 1930 o Prêmio Goethe pelo estilo literário que deu “forma e figura aos lêmures morando na floresta da natureza humana”, ensinando a sociedade a falar de modo sério e inteligente do corpo e do sexo, sem tabus milenares (Freud GW, XIV p. 545).

### **O Inconsciente freudiano: um termo técnico do sistema e um local no aparelho psíquico**

232 Um dos fatos lamentáveis do sucesso avassalador – embora tardio – da psicanálise é a difusão universal do termo *inconsciente* e de alguns outros conceitos, na maioria das vezes sem conhecimento da teoria freudiana – um uso eclético que torna imprecisa a aplicação dos conceitos psicanalíticos à literatura, sociologia e outros domínios das ciências humanas. Como o principal objetivo desse verbete consiste apenas no rastreamento da riqueza das relações (e dos equívocos) que se produziram nos contatos de Freud com a literatura e nos da crítica literária e dos artistas com a psicanálise, reduziremos aqui a um mínimo a menção do complexo sistema teórico de Freud. Acredito que será mais proveitoso para o leitor interessado um simples roteiro de leituras iniciais sobre o assunto do inconsciente direto na obra de Freud<sup>2</sup>.

Nos primeiros anos de suas pesquisas Freud distinguia entre *Inconsciente*, *Pré-consciente* e *Consciente*, descritas como regiões de um aparelho no qual o consciente ocupa muito pouco espaço, ao

---

2 Um auxílio precioso para o iniciante é o *Vocabulário da Psicanálise* de Laplanche e Pontalis (sigla LP).

passo que o inconsciente é vasto como um oceano. A obra madura remaneja essa primeira tópica com as instâncias do *Id*, *Eu-Ego* e o *Superego*, ao mesmo tempo que torna mais complexa a instância do *Superego* cujo funcionamento é consciente e inconsciente. Nessa fase madura, Freud distingue diferentes funções do Inconsciente (que ele abrevia muitas vezes *Ics.* para distinguir o termo técnico do uso leigo do termo ou nas teorias de outros autores); a função mais banal do termo inconsciente é a de nomear – de modo “descritivo” – o que se encontra fora da consciência (LP 197). No sentido psicanalítico, entretanto, Freud fala do “*sistema Ics.*”, isto é, de um local e uma função do *aparelho psíquico* que se constituem através do *recalque originário* (Freud, GW X, 250 ss. *Die Verdrängung*; e Freud, GW X, *Das Unbewusste*; LP 395). Esse evento “mítico” da constituição do *Ics.* está ligado à irrupção de uma *pulsão* (sexual) percebida pelo psiquismo como perigosa, pois pode ferir os interesses da pulsão de autopreservação, ou de outra *pulsão parcial*, ou ainda causar conflito com instâncias intrapsíquicas como o *superego* ou autoridades externas. Esses impasses são resolvidos pelo aparelho psíquico graças ao *recalque/repressão*: esse remove a imagem psíquica do episódio pulsional que Freud chama de “*representante da representação*” sexual – ou seja, graças à repressão do signo, da imagem ou lembrança que poderia tornar presente ou rerepresentar essa representação da pulsão sexual no campo da consciência (Freud, GW, X, p. 250-5, LP p. 198). Trata-se, na tese de Freud, de uma cena fantasmática que se refere aos traços memorizados ou imaginados de um ato sexual, de uma sedução real ou imaginada. É nessa cena primordial que a pulsão se fixa doravante, ao mesmo tempo que o recalque a mantém fora da consciência imediata, ao empurrar os signos a ela ligados para o sistema *Ics.* As fantasias sexuais que formam o conteúdo dessa cena originária podem ter origem tanto filo- como ontogenética – o que as individualiza e torna singulares e características para a história desse

ou daquele indivíduo é o recalque originário que fixa uma *certa cena marcante* na história *desse* indivíduo – uma cena simbolicamente relevante, pois ela exercerá a partir do Ics. um potencial de atração que movimentará o dinamismo das experiências ulteriores.

O que se deixa reprimir ou recalcar no sistema Ics. não é a pulsão, mas apenas o representante ou signo da fantasia sexual (o *representante da representação*) cujo conteúdo foi percebido como um perigo pela consciência sujeito. A *cena originária* exerce daqui em diante sua atração sobre outras representações fantasmáticas, obrigando o aparelho psíquico a operar constantes *recalques posteriores* (*Nachdrängen*). No entanto, ao contrário do representante da representação, a pulsão e a libido sexual são irrepresíveis: a energia que, por assim dizer, transportou essa representação fantasmática situa-se na fronteira entre o somático e o psíquico e assim continua a exercer sua pressão sobre as barreiras que mantêm os conteúdos no Ics. Quando essas cedem, certos conteúdos inconscientes retornam para a consciência – porém deformados e muitas vezes tornados irreconhecíveis pelo trabalho da censura que camufla o sentido original (sexual) dos *representantes da representação* original.

234

Além do íntimo vínculo entre inconsciente e desejo sexual, é preciso sublinhar os dois principais fatores distintivos da elaboração freudiana do Inconsciente: ao nível clínico, o método empírico com o qual Freud cria condições para a observação e análise da regularidade do fenômeno. Freud é o primeiro a controlar sua própria observação com uma experiência clínica bem determinada – num primeiro momento, os conteúdos psíquicos inconscientes são produzidos através de sessões de *hipnose*, uma técnica que Freud logo abandonaria para substituí-la pela técnica da *livre associação* que busca burlar o controle racional e a censura moral; as sessões são periódicas, mas limitadas no tempo e no espaço (divã).

Ao nível teórico, o Ics. ocupa um lugar específico no sistema teórico. Para Freud, o Inconsciente não descreve simplesmente

aquilo que escapa à consciência; trata-se, ao contrário, de uma “localidade” do “aparelho psíquico”, cujos mecanismos a teoria psicanalítica pretende estabelecer; e o termo é um conceito que faz parte de um sistema de noções interligadas – inconsciente (tópico, dinâmico, descritivo), pré-consciente, consciente, pulsão, libido, princípio de prazer, recalque (subdividido em recalque originário, recalque posterior, retorno do recalque), desejo sexual, complexo de Édipo, defesa. Mencionamos esses termos técnicos apenas para assinalar a complexidade da teoria freudiana, cujo vocabulário preenche o volumoso manual de Laplanche e Pontalis.

### **O Ics. emergindo da nova antropologia de Freud**

Como se sabe, o interesse de Freud pela teoria sexual começou com seu estágio junto a Jean Martin Charcot<sup>3</sup>, em Paris. O médico-psiquiatra francês fez desde 1885 experiências clínicas com histéricas, apresentando-as (e fazendo-as entrar em grandes crises) em agremiações de especialistas. Durante uma dessas sessões, Freud teria ouvido um à parte de Charcot que confessou – porém apenas no ouvido de um de seus colegas – sua certeza de que os casos de histeria *sempre* envolveriam um “segredo de alcova”, ou seja, experiências sexuais vergonhosas das quais as pacientes não conseguem falar abertamente e que, portanto, se expressam com a mímica extravagante das crises histéricas (Tréhot, 2012).

235

Essa observação despertou o interesse de Freud pelo vínculo entre sexo, tabu, e as deformações da linguagem cotidiana sob o impacto do não-dito e dos conteúdos suprimidos por uma censura social. Para explicar a causa da dramática atividade inconsciente das mulheres histéricas, Freud pensava, num primeiro momento, no trauma de uma sedução sexual precoce; mais tarde, entretanto, desiste

---

3 Jean-Martin Charcot (1825 - 1893); médico francês e o fundador da neurologia moderna, descobriu o aneurisma cerebral e as causas de hemorragia cerebral. O “segredo de alcova” das histéricas refere-se à cama matrimonial.



dessa hipótese, ao constatar que desejos e fantasias sexuais emergem espontaneamente na atividade psíquica das próprias crianças.

Começa aí – entre 1887 e 1900 a investigação científica da sexualidade e a reflexão freudiana sobre o tabu do incesto e a origem, o papel e a finalidade da proibição da endogamia. O interesse pelo ‘horror ao incesto’ é documentado em inúmeros escritos, (por exemplo, no Rascunho N de 31 de maio de 1897), que já assinala a relação entre o desenvolvimento da civilização e a repressão dos instintos, assunto ao qual Freud retorna sempre de novo – na *Interpretação dos Sonhos, 1900*, no artigo *Die Kulturelle Sexualmoral und Die Moderne Nervositat* (1908) e em *O Mal-estar na civilização* (1930), entre outros<sup>4</sup>.

O interesse pela sexualidade leva Freud a leituras antropológicas que estudam a sexualidade em outras culturas e sob os mais diversos pontos de vista, nos mitos e rituais, na literatura e no folclore, abrindo o método do cientista para uma avaliação crítica das teorias da sexualidade no estudo da magia e dos mitos de Frazer<sup>5</sup>, na teoria evolutiva de Charles Darwin<sup>6</sup> ou na teoria do sacrifício ritual de William Robertson Smith<sup>7</sup>; nesse contexto, cabe observar que Freud concede pouco espaço a uma discussão da teoria do tabu do incesto de Westermarck<sup>8</sup>.

236

4 Usamos o PDF disponível online da Obra Completa de Freud: <http://lelivros.love/book/download-a-interpretacao-dos-sonhos-sigmund-freud/>

5 Sir James George Frazer (1854–1941) antropólogo escocês, cuja obra *O Ramo de Ouro* (1890), compara as crenças na magia com as crenças religiosas e resume suas descobertas na teoria dos três estágios culturais que progredem da magia primitiva para a religião e a ciência.

6 Charles Robert Darwin (1809–1882) naturalista britânico que explicou a evolução das espécies por meio da seleção natural dos mais fortes e adaptados. O macho-Alpha detém o poder sobre as fêmeas do bando, suscitando, na leitura de Freud, a cobiça e hostilidade dos demais machos.

7 William Robertson Smith, (1846–1894) estudioso do Antigo Testamento, professor de teologia escocês, Smith estudou o sacrifício e foi também um dos editores da *Encyclopædia Britannica*. Segundo Smith, o totemismo origina-se do sacrifício violento do pai abatido pelo bando de irmãos.

8 Edvard Alexander Westermarck (1862–1939) filósofo e sociólogo finlandês.

Sir James George Frazer publicou *O Ramo de ouro* em 1890, iluminando as relações violentas entre gerações, e em particular as relações de hostilidade entre a figura patriarcal do soberano nas sociedades primitivas e os jovens pretendentes que cobiçam esse poder (sobre os bens materiais e simbólicos, além de reivindicar prerrogativas sobre o corpo das mulheres). Freud menciona Frazer explicitamente desde os seus primeiros escritos, mas acorda apenas uma breve menção à *História do casamento humano* de Edvard Westermarck (1891), uma teoria muito mais simples, que explica o tabu do incesto como um processo de dessensualização pela convivência contínua – abordagem essa, que Freud refuta (Freud, GW IX, 74-8, 148 s.). Ou seja, diferentemente da teoria freudiana, que vê o tabu do incesto e a constituição do inconsciente como sequelas das relações violentas inscritas na rivalidade sexual intergeracional, Westermarck considerava que contatos muito próximos (na família, no clã ou em comunidades muito estreitas) reduziriam naturalmente o desejo sexual entre parentes, de forma que o tabu do incesto fixaria um hábito “normal”, sacralizando um comportamento de costume, apenas punindo os casos “anormais” que fazem exceção à regra. Freud ao contrário mostrará que esse amortecimento do desejo sexual é meramente aparente e que não existe um limite definido entre normal e anormal.

237

Cabe mencionar ainda que, antes e em paralelo com a Escola de Freud, outros grandes psicólogos trabalhavam com conceitos não-freudianos do inconsciente. Entre eles, William James<sup>9</sup> (cujos casos clínicos e teorias inspiraram as ficções do irmão Henry James),

---

dês conhecido pelos seus estudos sobre exogamia e o tabu do incesto. *The History of Human Marriage* (1891, New York, Macmillan)

<sup>9</sup> William James (1842–1910) filósofo e psicólogo americano e “pai da psicologia americana”. É o irmão de Henry James, cujas ficções como *The Turn of the Screw* (A volta do Parafuso) transformam os casos clínicos de halucinações histéricas em sugestivas histórias de fantasmas.

o psiquiatra Ernst Kretschmer<sup>10</sup> e o psicólogo experimental Carl Stumpf<sup>11</sup> em Berlim, entre outros. E entre os próprios seguidores de Freud, nomes tão conhecidos como Adler, Jung e Reich propuseram alterações significativas da concepção freudiana do inconsciente (voltaremos a esse assunto abaixo).

Depois dos seus impressionantes estudos clínicos sobre histeria e a *Interpretação dos Sonhos*, Freud escreve outros trabalhos mais especulativos, como *Totem e Tabu* (1913), nos quais estabelece elos de sua teoria do inconsciente com a teoria evolutiva de Charles Darwin e a teoria do gesto (sacrifício) ritual que precede a formação dos mitos de William Robertson Smith (Segal, 2004, p. 61). Freud projeta o ritual na experiência clínica e busca interpretar as recorrentes fantasias traumáticas (envolvendo cenas de devoração, despedaçamento e castração) de seus pacientes à luz de um ritual arcaico. Por essa via, encontra traços análogos em inúmeros rituais históricos e em mitos envolvendo um filho ou bando de jovens que se unem para abater a figura paterna do chefe – o modelo de um ritual que põe em movimento os processos psíquicos que a violência e o medo, a culpa e o desejo de redenção (re)produzem no psiquismo individual. Na visão de Freud, o totemismo origina-se da resposta inconsciente (culpa, medo interiorizado, ritual como redenção simbólica) que se processa no psiquismo dos filhos *depois* da morte violenta do pai. Freud inscreve as fantasias inconscientes de seus pacientes na cena mítica (projetada nos primórdios da cultura) de um pai ou rei abatido pelo bando de irmãos que temiam a autoridade e cobiçavam o poder da figura patriarcal. Apoia-se nisso nos relatos de Frazer sobre os costumes observados em certas tribos

---

10 Ernst Kretschmer (1888–1964), psiquiatra que pesquisou a constituição humana e estabeleceu uma tipologia.

11 Carl Stumpf (1848–1936), filósofo e psicólogo alemão na cátedra berlinese de psicologia experimental. Stumpf teve considerável influência sobre os teóricos da Gestalt, Wolfgang Köhler e Kurt Koffka.

africanas, onde jovens pretendentes ao poder espreitam os sinais de fraqueza do velho líder que legitimam sua substituição. Freud supõe que o sangue vertido, num segundo momento, provoca um trauma desestabilizador na mente dos agressores. Essa perturbação leva ao recalque da própria violência, e uma reinstalação do pai – agora como figura simbólica da ordem, que exerce seu poder punitivo na parte inconsciente do Super-Ego: com o respeito dessa instância moral, é possível a expiação dos sentimentos de culpa inconsciente. Sob a forma de rituais de respeito a figura paterna é sacralizada, suas leis e ordens que continuam válidas através da introjeção simbólica. *Totem e Tabu* é a mitologia freudiana que projeta no passado originário os mecanismos da economia psíquica individual observados na clínica, e que Freud batizara de “complexo de Édipo”, primeiro, na *Interpretação dos Sonhos* (1900), e mais tarde nos *Três ensaios sobre a sexualidade* (Freud, GW V, p. 127). A mesma economia e mecanismos análogos perpetuam-se na vida dos indivíduos e na história de grupos sociais sob diversas formas e figuras – em rituais sociais, políticos e religiosos – por exemplo, na ideia do pecado original que fornece um esquema de compreensão do mal e da violência, ao mesmo tempo que ritualiza gestos de expiação das infrações – imaginárias no passado ancestral da sociedade humana. Nesse sentido, Freud compreende a religião e suas narrativas (também nas lendas cristãs, vidas de mártires, *exempla* e toda a narrativa dos sofrimentos do Cristo) como fenômenos que dão forma à culpa coletiva inconsciente, e configuram a elaboração ambivalente do remorso – muitas vezes de modo pouco econômico e com um alto custo de sofrimento opressivo, vergonha e medo desnecessários.

239

O grande mérito de Freud na sua época foi a rearticulação de uma série de pesquisas conhecidas, porém dispersas, sobre a civilização e a cultura. Freud as conectou com o sofrimento e o mal-estar difuso da sociedade civil-burguesa, mostrando que ela é esclarecida

apenas em aparência, pois sabe nada sobre si mesma e ainda precisa esclarecer e superar os tabus mais reprimidos da sociabilidade. A “revolução copernicana” que Freud provocou na autoconsciência da humanidade deve muito à linguagem rica e ao vocabulário ágil de suas narrativas em torno dos dramas e detalhes mais íntimos das vidas entrelaçadas do corpo e da alma, uma linguagem que soube delicadamente remover tabus insensatos, controles familiares e censuras institucionais excessivas. Não foi apenas o cientista, mas também o narrador Freud que angariou a admiração de muitos intelectuais e artistas – pensemos em escritores e intelectuais tão diversos quanto A. Breton e A. Schnitzler, R. Musil ou Walter Benjamin – que apropriaram os conceitos freudianos, elogiando a “grande importância” da descoberta freudiana (Musil, 1976, I, 789). Mesmo um pensador como Musil, crítico da primeira teoria psicanalítica, reconheceram o mérito tremendo pelo qual nunca se poderia agradecer o bastante ao pai da psicanálise.

### **Desdobramentos e dissensões em torno do Ics. de Freud e outros inconscientes**

240

Entre 1893 e 1915 (i.é, dos Estudos sobre Histeria, Freud, GW I ao ensaio O Recalque, Freud GW X, 250 ss.) Freud reelabora constantemente o arcabouço de sua teoria psicanalítica. Mas em todas as importantes reformulações, a pedra fundamental dessa teoria permanece inalterada – o Ics. é um sistema que preenche uma função econômica no aparelho psíquico; ele é constituído pelos processos tópicos, econômicos e dinâmicos que permitem ao aparelho psíquico lidar com fantasias sexuais que ocupam um lugar capital no psiquismo desde a vida infantil.

Quem pusesse em dúvida esse fundamento – mesmo que se trate dos mais próximos e apreciados colaboradores em busca de ampliações e aplicações mais diversificados do conceito do inconsciente – teria de abandonar, mais cedo ou mais tarde, a sociedade psicanalítica fundada por Freud e trilhar seus próprios rumos. Tais

clivagens da então pequena escola psicanalítica logo aconteceriam – primeiro, com o entendimento mais materialista, sociológico e marxista dos conceitos freudianos de Alfred Adler; em seguida, o “inconsciente coletivo” de Jung, que atenua o componente sexual na constituição do inconsciente e subordina os conceitos da psicanálise às exigências dos sentimentos religiosos, levou a mais uma ruptura dolorosa para Freud (Gay 2012, 208-253). E ainda décadas mais tarde, outro discípulo predileto, Wilhelm Reich, teve de se separar da psicanálise Freudiana ao generalizar o conceito do Inconsciente, dando-lhe feições sociológicas e declarando que as pulsões destrutivas do inconsciente seriam um produto do capitalismo. Recorrendo à terminologia da segunda tópica freudiana, Reich inverte a lógica freudiana e transforma o inconsciente e a pulsão em sintomas do sistema social: “o que chamamos de pulsão de morte é um produto do sistema capitalista” (Spiel, 1987, 142).

Essas partidas foram muito penosas para Freud, mas, por mais que tenha tentado contemporizar num primeiro momento com as teses desses seus discípulos e colaboradores prediletos, apaziguando durante certo tempo as objeções dos demais membros da sociedade psicanalítica contra as ampliações indiscriminadas da significação original do conceito do inconsciente e da pulsão, nem ele, nem seus colaboradores abriram mão da tese fundamental da descoberta freudiana, que acorda um papel preponderante às fantasias e ruminações sexuais infantis, ao seu potencial traumático e à sua função crucial na constituição não apenas do sistema Ics., mas também da constituição das distinções simbólicas, morais e culturais da vida social<sup>12</sup>.

Muitos psicanalistas e pensadores de áreas afins das ciências humanas lamentaram e criticaram essa postura como rigidez de

---

12 Para mais detalhes sobre as dissensões e rupturas da Escola psicanalítica vienense, cf. Gay, 2012, 226 ss., sobre a ruptura com A. Adler; e 236 ss., sobre os desentendimentos com Jung; cf. também Spiel 137-9, 142.

Freud – alguns a interpretaram como gesto defensivo que teria sua origem na postura patriarcal do pai da psicanálise – entre eles, Deleuze e Guattari, com sua obra seminal *Anti Édipo. Capitalismo e Democracia* (1972), ou por parte de grandes nomes do feminismo como Simone de Beauvoir (1949) e Kate Millet (1970). Mas autores como Melanie Klein, Jacques Lacan e Piera Aulagnier mostraram também a consistência das concepções freudianas e a riqueza dos conceitos fundamentais da psicanálise nas releituras à luz da linguística, das análises estruturais e de novas experiências clínicas.

### **O papel da literatura e dos mitos na penosa legitimação da teoria do Inconsciente e da sexualidade**

242 O que significa então a literatura para a descoberta do Ics. e vice-versa, qual é seu papel na descoberta freudiana do Inconsciente, quais são as expectativas dos artistas e escritores a respeito da psicanálise? Cabe explorar agora o duplo diálogo e os inúmeros (des)encontros e equívocos (muitos deles extremamente férteis) que se tramaram entre a psicanálise nascente e as artes, e na recepção do conceito do inconsciente pelos artistas, e pela crítica literária em busca de inovação graças às ideias de Freud.

Os fatores que dificultaram o reconhecimento inicial da psicanálise foram, sem dúvida, a franqueza de fazer do sexo um tema explícito e o papel que Freud atribuiu à sexualidade na etiologia traumática das neuroses e na constituição do inconsciente; pois ambos os temas envolvem uma crítica implícita das disfunções da família e das relações hierárquicas entre gêneros, abalando assim o pilar da sociedade burguesa, ao desnudar a amoralidade das fantasias e os desejos incestuosos entre pais e filhos. Nesse contexto, não é surpreendente que Freud tenha procurado durante muito tempo corroborar suas observações clínicas com referências às obras das figuras “sagradas” da cultura, de autores como Sófocles, Shakespeare e Goethe, Dostoiévski e Miguelângelo e com análises das estruturas

inconscientes camufladas nos mitos, no folclore e na literatura, que já alimentaram a sabedoria moral e os preceitos educativos. Freud articula toda a sua experiência clínica com uma crítica consistente das formas de expressão e comportamento (sociais, médicas e religiosas), e sempre de novo arrola exemplos literários e artísticos como testemunhos dos tabus culturais envolvendo o desejo sexual infantil. A literatura foi a grande companheira também durante os difíceis anos da descoberta, como se vê nas cartas de Freud ao amigo Wilhelm Fliess sobre as incertezas na interpretação do confuso material clínico de seus pacientes e da auto-observação.

Freud começara suas análises de pacientes histéricas instigado pelo colega, o médico Joseph Breuer (1842-1925), um neurologista um pouco mais velho que Freud e já renomado pelas suas pesquisas em neurofisiologia. Foi ele o médico de Bertha Pappenheim, cujo caso ficaria famoso como “Anna O.” nos *Estudos de histeria* que Breuer publicou com Freud em 1892. Ao longo desses anos de pesquisa clínica e elaboração da “cura pelo relato” Freud não apenas analisa seus pacientes, mas se submete a uma autoanálise em busca por confirmação de suas hipóteses através da interpretação dos próprios sonhos (1886-97). A correspondência dessa época revela as dificuldades que a teoria nascente enfrenta. Na Carta a Fliess de 15 de outubro 1897, Freud relata os bloqueios da autoanálise que correspondem em importância às resistências das pacientes que também têm dificuldades em narrar suas experiências e traumas na terapia. Freud experimenta com diversas chaves de leitura para explicar os sintomas e sonhos alheios com seus próprios; ele emite hipóteses sobre o desejo inconfessável-inconsciente que subjaz a essas dificuldades; queixa-se da insegurança e da complexidade da empreitada analítica; e expressa o desejo de chegar logo a uma síntese que confirme a hipótese inicial. Nesse intuito, ele escreve a Fliess no final de 1895:



Se a análise cumprir o que eu espero que ela cumpra, transcreverei de modo sistemático o processo e o apresentarei. Por enquanto, não encontrei nada muito novo. A coisa não é fácil. Ser honesto consigo mesmo é um bom exercício. [Assim] Uma única ideia válida emergiu na minha cabeça: ....

“Descobri, também no meu próprio caso [como nos das minhas pacientes], o amor e o desejo sexual pela mãe acompanhados pelo ciúme do pai; e agora considero esse fenômeno como um fato universal da vida infantil.

[...]

Se isso (o Complexo de Édipo) se comprovar, podemos compreender o efeito impactante de Édipo Rei, apesar de todas as objeções que se levantou contra a superstição do destino. Édipo Rei não nos mostra uma compulsão arbitrária (como muitos dramas do destino), mas a pulsão universal que todos reconhecem, pois a sentem dentro de si.

[...]

244

Todos que olham o espetáculo já foram potenciais Édipos na sua fantasia, e cada um recua horrorizado da realização do sonho que é aqui deslocado para a realidade vivida; o horror corresponde ao recalque quantitativo que separa seu estado infantil do presente. (Freud/Fliess, 1985, 15/10/1897)

A tragédia e o mito e alguns autores clássicos cumprem para o pai da psicanálise um papel do apoio transferencial na difícil elaboração da primeira teoria psicanalítica. A literatura serve de espelho para a tese dos desejos infantis das histéricas (dois sonhos típicos) e do próprio Freud e confirmação da validade da teoria. E o prestígio de Sófocles dá um véu de respeitabilidade à temática escandalosa que a Freud procura teorizar a respeito da gênese da ordem familiar-social e dos valores morais. Vejamos mais em detalhe como Freud trata a tragédia e o mito na sua Interpretação dos Sonhos:

Em minha experiência, que já é extensa, o papel principal na vida mental de todas as crianças que depois se tornam psiconeuróticas é desempenhado por seus pais. Apaixonar-se por um dos pais e odiar o outro figuram entre os componentes essenciais do acervo de impulsos psíquicos que se formam nessa época e que é tão importante na determinação dos sintomas da neurose posterior. Não é minha crença, todavia, que os psiconeuróticos difiram acentuadamente, nesse aspecto, dos outros seres humanos que permanecem normais — isto é, que eles sejam capazes de criar algo absolutamente novo e peculiar a eles próprios. É muito mais provável — e isto é confirmado por observações ocasionais de crianças normais —, que eles se diferenciem apenas por exibirem, numa escala ampliada, sentimentos de amor e ódio pelos pais, os quais ocorrem de maneira a menos óbvia e intensa nas mentes da maioria das crianças.

Essa descoberta é confirmada por uma lenda da Antiguidade clássica que chegou até nós: uma lenda cujo poder profundo e universal de comover só pode ser compreendido se a hipótese que propus com respeito à psicologia infantil tiver validade igualmente universal. O que tenho em mente é a lenda do Rei Édipo e a tragédia de Sófocles que traz o seu nome. (Freud IS 223, GW II/III 267)

245

Freud lê e compreende o mito de Édipo como um análogo da sua própria história e, num segundo momento, busca a confirmação dessa hipótese baseada na autoanálise e nas análises clínicas de suas pacientes, projetando as estruturas literárias sobre dois sonhos típicos que observa no trabalho clínico: o sonho da morte do pai e o da união com a mãe (no caso da menina, esses sonhos edípianos invertem os objetos; Freud, GWVIII, 73<sup>13</sup>). Seguindo seu método,

---

13 Outro ensaio sobre o assunto é o trabalho de 1910 *Über einen besonderen Typus der Objektwahl beim Manne* GWVIII, 73. Ele retoma as experiências de 15 anos ao longo dos quais Freud analisou suas pacientes histéricas e perseguiu sua autoanálise.

o pai da psicanálise encontra no recorte que faz da lenda todos os elementos que o interessam no seu trabalho clínico: o enigma da própria origem e que engaja a criança em rumações vinculadas com a sexualidade; as informações enigmáticas ou evasivas que se costuma dar às crianças, aticando a investigação infantil, são poeticamente elaboradas e enaltecidas pelo episódio heroico da solução dada ao enigma da Esfinge. E contra esse pano de fundo mítico desenham-se então as grandes linhas da tragédia de Sófocles:

Édipo, filho de Laio, Rei de Tebas, e de Jocasta, foi enjeitado quando criança porque um oráculo advertira Laio de que a criança ainda por nascer seria o assassino de seu pai. A criança foi salva e cresceu como príncipe numa corte estrangeira, até que, em dúvida quanto a sua origem, também ele interrogou o oráculo e foi alertado para evitar sua cidade, já que estava predestinado a assassinar seu pai e receber sua mãe em casamento. Na estrada que o levava para longe do local que ele acreditara ser seu lar, encontrou-se com o Rei Laio e o matou numa súbita rixa. Em seguida dirigiu-se a Tebas e decifrou o enigma apresentado pela Esfinge que lhe barrava o caminho. Por gratidão, os tebanos fizeram-no rei e lhe deram a mão de Jocasta em casamento. Ele reinou por muito tempo com paz e honra, e aquela que, sem que ele o soubesse, era sua mãe, deu-lhe dois filhos e duas filhas. Por fim, então, irrompeu uma peste e os tebanos mais uma vez consultaram o oráculo. É nesse ponto que se inicia a tragédia de Sófocles.

[...]

- Os mensageiros trazem de volta a resposta de que a peste cessará quando o assassino de Laio tiver sido expulso do país.

- Mas ele, onde está ele? Onde se há de ler agora o desbotado registro dessa culpa de outrora?

(A Interpretação dos Sonhos I – Sigmund Freud IS 224, GW II/III, 268)

Freud postula que os enigmas poéticos no interior da peça dramática suscitariam na mente do público um reconhecimento obscuro de conflitos pessoais esquecidos – uma espécie de esboço de anamnese análoga àquela que Freud induzia nas sessões com seus pacientes:

A ação da peça não consiste em nada além do processo de revelação, com engenhosos adiamentos e sensação sempre crescente – um processo que pode ser comparado ao trabalho de uma psicanálise – de que o próprio Édipo é o assassino de Laio, mas também de que é o filho do homem assassinado e de Jocasta. Estarrecido ante o ato abominável que inadvertidamente perpetrara, Édipo cega a si próprio e abandona o lar. A predição do oráculo fora cumprida.

(A Interpretação dos Sonhos I – Sigmund Freud IS 224, GW II/III, 268)

Num primeiro momento, Freud traz a tona a leitura convencional da tragédia clássica, que vê nessa peça a representação do destino inelutável:

Oedipus Rex é o que se conhece como uma tragédia do destino. Diz-se que seu efeito trágico reside no contraste entre a suprema vontade dos deuses e as vãs tentativas da humanidade de escapar ao mal que a ameaça. A lição que, segundo se afirma, o espectador profundamente comovido deve extrair da tragédia é a submissão à vontade divina e o reconhecimento de sua própria impotência. Os dramaturgos modernos, por conseguinte, tentaram alcançar um efeito trágico semelhante, tecendo o mesmo contraste num enredo inventado por eles mesmos. Mas os espectadores ficaram a contemplar, impassíveis, enquanto uma praga ou um vaticínio oracular se realizava apesar de todos os esforços de algum homem inocente: as tragédias do destino posteriores falharam em seu efeito. Se Oedipus Rex comove tanto uma platéia moderna quanto fazia com a platéia grega da época, a explicação só pode ser que seu efeito não está no contraste entre o destino e a von-

tade humana, mas deve ser procurado na natureza específica do material com que esse contraste é exemplificado.

Deve haver algo que faz uma voz dentro de nós ficar pronta a reconhecer a força compulsiva do destino no Oedipus, ao passo que podemos descartar como meramente arbitrários os designios em die Ahnfrau [de Grillparzer] ou em outras modernas tragédias do destino.

(A Interpretação dos Sonhos I–Freud IS 225 s., GW II/ III 269)

Mas Freud opera uma guinada significativa nessa interpretação: comparando diversas tragédias do destino, ele salienta o que acredita ser o impacto emocional bem mais forte de Édipo Rei. Essa afirmação constitui um ponto questionável do ponto de vista crítico-literário – mas ela é uma operação retórica bem-sucedida, cujo élan convenceu a maioria dos leitores. A partir desse raciocínio, Freud começa a investigar a causa e o motor dessa emoção poética:

E há realmente um fator dessa natureza envolvido na história do Rei Édipo. Seu destino comove-nos apenas porque poderia ter sido o nosso — porque o oráculo lançou sobre nós, antes de nascermos, a mesma maldição que caiu sobre ele. É destino de todos nós, talvez, dirigir nosso primeiro impulso sexual para nossa mãe, e nosso primeiro ódio e primeiro desejo assassino, para nosso pai. Nossos sonhos nos convencem de que é isso o que se verifica. O Rei Édipo, que assassinou Laio, seu pai, e se casou com Jocasta, sua mãe, simplesmente nos mostra a realização de nossos próprios desejos infantis. Contudo, mais afortunados que ele, entretantes conseguimos, na medida em que não nos tenhamos tornado psiconeuróticos, desprender nossos impulsos sexuais de nossas mães e esquecer nosso ciúme de nossos pais. Ali está alguém em quem esses desejos primevos de nossa infância foram realizados, e deles recuamos com toda a força do recalçamento pelo qual esses desejos, desde aquela época, foram contidos dentro de nós. Enquanto traz à luz, à medida que

desvenda o passado, a culpa de Édipo, o poeta nos compele, ao mesmo tempo, a reconhecer nossa própria alma secreta, onde esses mesmos impulsos, embora suprimidos, ainda podem ser encontrados. O contraste com que nos confronta o coro final —

Fitai de Édipo o horror! Dele que o obscuro enigma desvendou, mais nobre e sapiente vencedor. Alto no céu sua ‘estrela se acendeu, ansiada e irradiante de esplendor: Ei-lo que em mar de angústia submergiu, calcado sob a vaga em seu furor.

(A Interpretação dos Sonhos I – Freud IS 226 s., GW II/III 270 s.)

Freud cita essas palavras finais do coro e as interpreta como uma transposição poética do trauma que o desejo do incesto deixa no imaginário humano. Como psicanalista engajado na investigação dos próprios desejos e dos tormentos dos seus pacientes, ele as toma como advertência do dever da ética médica de prosseguir no esclarecimento dos nexos entre as pulsões reprimidas e os sintomas e comportamentos estranhos das pessoas doentes, evidentemente na esperança de poder influenciar esses elos nefastos através de formas educativas mais esclarecidas e hábeis.

249

Freud orgulhou-se de ter provocado a revolução copernicana na visão da natureza humana: a humanidade como vítima do próprio inconsciente, não como ser racional, sujeito que domina seu mundo e a si mesmo graças ao intelecto. Ele apoiou a amarga mensagem, ferida narcísica, na história de Édipo... Antes dele, Nietzsche já demolira o verniz racional que o século XIX projetava sobre os gregos e mostrou a vitalidade perigosa de Dionísio pulsando por baixo da superfície<sup>14</sup>. Freud sabe que sua visão esboça uma imagem assombrosa da sociedade e da família, e que esse pessimismo cultural encontrará resistências entre seus contemporâneos. Assim, ele escreve:

---

14 Encontramos essa lúcida visão da outra Grécia e de uma humanidade menos racional e menos perfeita do ponto de vista moral também no século anterior, nas traduções e nos comentários de Hölderlin.

nossos mais sagrados princípios éticos escondem uma realidade muito crua – o quinto mandamento e o imperativo de amar os pais não vale para o inconsciente.

Os horrores míticos não foram superados.

(Freud IS 219-220; GW II/III, 263)

No intuito de superar essas resistências, Freud usa o prestígio da tragédia Édipo e de seu ilustre autor como escudo contra a indignação que os primeiros conhecimentos da psicanálise provocaram entre médicos incrédulos e uma opinião pública muito inibida por tabus religiosos e morais. No comentário sobre o texto de Sófocles, ele explicita sua teoria – então inaudita e chocante – da sexualidade infantil e dos seus desejos normais “impostos pela Natureza”. O sentido profundo da história de Édipo Rei, segundo Freud,

—tem o impacto de uma advertência a nós mesmos e a nosso orgulho, nós que, desde nossa infância, tornamo-nos tão sábios e tão poderosos ante nossos próprios olhos. Como Édipo, vivemos na ignorância desses desejos repugnantes à moral, que nos foram impostos pela Natureza; e após sua revelação, é bem possível que todos busquemos fechar os olhos às cenas de nossa infância.

250

Há uma indicação inconfundível no texto da própria tragédia de Sófocles, de que a lenda de Édipo brotou de algum material onírico primitivo que tinha como conteúdo a aflitiva perturbação da relação de uma criança com seus pais, em virtude dos primeiros sobressaltos da sexualidade.

(Freud IS 125; GW II/III, 269)

A continuação da leitura freudiana mostra a cautela com a qual Freud ataca a autoconsciência hipócrita dos seus contemporâneos, que se orgulham com o suposto progresso moral da humanidade, desconsiderando o peso das pulsões atávicas reprimidas por costumes autoritários e dogmas religiosos. Essas pulsões se manifestam, tanto na tragédia de Sófocles, como na realidade clínica de Freud,

com o sintoma da ansiedade, da inquietação com presságios sombrios. Freud assinala esse ponto ao comentar a reação defensiva de Jocasta que procura soterrar as preocupações morais de Édipo:

Num ponto em que Édipo, embora não tenha sido ainda esclarecido, começa a se sentir perturbado por sua recordação do oráculo, Jocasta o consola fazendo referência a um sonho que muitas pessoas têm, ainda que, na opinião dela, não tenha nenhum sentido:

Muito homem desde outrora em sonhos tem deitado com aquela que o gerou. Menos se aborrece

Quem com tais presságios sua alma não perturba.

(Freud IS 225; GW II/III, 269)

A tragédia permite a Freud abordar de modo implícito os mecanismos de defesa que, também na atualidade contemporânea, favorecem a denegação dos conteúdos estigmatizados e, conseqüentemente traumáticos. A censura social interiorizada no processo do recalque procura excluí-los do campo da consciência, através das máscaras do recalque e da autocensura que barram seu reconhecimento com mentira e hipocrisia artificiosas:

Hoje, tal como outrora, muitos homens sonham ter relações sexuais com suas mães, e mencionam esse fato com indignação e assombro. Essa é claramente a chave da tragédia e o complemento onírico que dá o pai do sonhador como morto. A história de Édipo é a reação da imaginação a esses dois sonhos típicos. (Freud IS 226; GW II/III, 270)

Por mais que as teorias e os casos clínicos de Freud tenham encontrado forte eco entre os artistas vienenses, suas hipóteses na crítica literária receberam rápidas refutações. Se Freud explica o efeito dramático avassalador que a tragédia ainda exerceria sobre o público moderno recorrendo ao pavor universal que exerceria o tabu do incesto, Bahr responde laconicamente que as tragédias per-



deram seu atrativo para o público moderno e que tiram vantagens do frêmito intelectual da teoria freudiana (Bahr, Diálogo sobre o trágico). Esse tipo de resposta – que seria para Freud, uma típica denegação provocada pelo inconsciente e a falta de (auto)análise – não desestimulou Freud nas suas pesquisas literárias. Em 1907, escreve seu ensaio sobre a Gradiva de Jensen que mostra como o trabalho artístico é uma espécie de compromisso que satisfaz ao mesmo tempo o desejo erótico e as censuras ou defesas neuróticas que procuram conter e reprimir esse desejo; nisso, Freud vê vasos comunicantes e uma prova para a hipótese que existem transições e continuidade entre os sistemas Ics. e Cs.

252 A literatura como referencial quase preencheu a função de um objeto transicional da psicanálise enquanto ainda engatinhava; ela permitiu fortalecer certas hipóteses antes de sua comprovação clínica e teorização, e depois rapidamente consolidou-se numa nova linha de pesquisa de psicanálise da literatura; ela surtiu, além dos estudos de Freud sobre Dostoiévski e a Gradiva de Jensen, clássicos como *Crianças precisam de contos de fadas (Kinder brauchen Märchen)* de Bruno Bettelheim – uma investigação que iluminou o mundo rico em fantasias e angústias que anima a alma infantil. Uma nova versão dessa abordagem renasceu, numa adaptação para o século XXI, pelas mãos de Diana Lichtenstein Corso e Mario Corso: *As Fadas no Divã* (2006) pode ser considerado como um excelente guia não só para os labirintos das fantasias e angústias infantis, mas também para o desdobramento do inconsciente freudiano nos conceitos de analistas posteriores, como M. Klein, D. Winnicott e J. Lacan. Estudos como os de Ernest Jones (sobre Hamlet e Édipo), e nos anos 1960 de Didier Anzieu (sobre Oedipus Rex) são famosos, mas, para o crítico literário, talvez não tenham fornecido os melhores resultados hermenêuticos. Peter Gay apenas sintetiza as queixas de muitos críticos literários quando diz: “muitos psicanalistas entre os primeiros adeptos de Freud não resistiram à tentativa de psicanalisar

poetas e pintores (às vezes para o desgosto de Freud)”, desrespeitando a regra que proíbe essa apropriação e instrumentalização: “é claro que não se pode psicanalisar um escritor a partir de seu texto”<sup>15</sup>. A voz de P. Gay faz eco a outros grandes especialistas; Jean-Pierre Vernant criticou duramente os erros metodológicos dos zelosos seguidores da psicanálise aplicada na sua releitura do mito de Édipo por Didier Anzieu. Ridiculariza a ortodoxia do analista que taxa de cegos os leitores não freudianos desse mito, e a ingenuidade do analista quanto a sonhos incestuosos nas mentes de Antígone e Ismene – tratando ficções míticas e trágicas como se fossem pacientes no divã, sem qualquer cuidado metodológico histórico, antropológico ou crítico-literário.<sup>16</sup> Jean Laplanche, embora autor de um livro que analisa a relação de Hölderlin com as figuras paternas, é outra voz a expressar reservas a respeito das leituras psicanalíticas da literatura que muitas vezes não passam de psicanálise selvagem desandando em “mitos hermenêuticos”<sup>17</sup>. E também Jean Starobinski cita Jaspers acusando a psicanálise “de se dar a ilusão de ter entendido tudo quando não faz nada além de reduzir a riqueza do texto literário e traduzir seus problemas em um vocabulário pré-definido”<sup>18</sup>.

253

De fato, os ensaios de Freud sobre a *Gradiva* de Jensen, sobre o mito de Édipo, o parricídio em Dostoiévski e a abordagem de Hamlet em *A Interpretação dos Sonhos* mais são ilustrações dos conceitos freudianos do que elucidações dos textos literários. E muitos seguidores de Freud erram ao ampliar essa via com esperanças

---

15 Peter Gay, *Freud: Uma vida para o nosso tempo, A Life for Our Time* (London 1989) p. 764

16 Vernant, *Oedipe sans complexes*, in: *Mythe et Tragédie*, La Découverte, 1972, pp. 83-98 s.; Anzieu, Didier, *Oedipe avant le complexe*, in: *Les Temps Modernes*, no.245, Paris, 1966, pp. 675-715.

17 Laplanche, J., *La psychanalyse: mythes et théories*. In: *Revue Française de psychanalyse*, n°3, Paris, 1998, pp. 894-898. 882

18 Starobinski, J., “Psychanalyse et littérature”. In: *La relation critique II*. Paris: Gallimard, 1970: 283.

de ampliar a compreensão das obras artísticas e literárias com a psicopatologia do artista, escritor ou dos personagens ficcionais<sup>19</sup>. No entanto, os psicanalistas não são os únicos a cometer erros metodológicos – aos artistas e críticos literários também falta muitas vezes o rigor na interpretação da teoria de Freud. E, para salvar a honra de Freud, é preciso salientar que esse nunca duvidou da perspicácia intuitiva dos poetas e sempre manteve uma atitude de admiração reverenciosa para com os autores (o inverso não foi sempre o caso).

### **O papel do Inconsciente freudiano para a literatura e a crítica literária: desleitura recíprocas**

À cooptação da literatura para fins psicanalíticos, corresponde, por parte dos artistas e dos críticos literários, a cooptação eclética de conceitos da psicanálise (muitas vezes mal compreendidos). Pois a recepção da obra de Freud foi muito menos rápida do que hoje se pensa; a psicanálise demorou mais de 20 anos desde a publicação dos Estudos sobre a histeria para se afirmar como referência. Apenas alguns críticos ágeis e instruídos, como Alfred von Berger (professor de estética e diretor de teatro em Hamburgo), ou o então conhecido crítico literário vienense Hermann Bahr, tomaram conhecimento quase que instantâneo dos primeiros escritos de Freud. Logo depois da publicação dos Estudos sobre a Histeria, em 1897, Alfred von Berger publicou um estudo sobre o processo catártico da tragédia que é visivelmente marcado pela leitura de Freud. A encenação trágica, segundo Berger “satisfaz de modo sério e profundo uma carência afetiva do espectador”. Embora não mencione a relação com a sexualidade, o autor cita o estudo de Breuer et Freud, que permitiria compreender esse efeito da tragédia (Berger, 2002, 188)<sup>20</sup>.

254

19 Patricia Waugh ed., *Literary Theory and Criticism*, Oxford University Press, 2006, p. 200.

20 cf. o estudo de A. von Berger foi publicado como posfácio à edição de Theodor Gomperz da Poética de Aristoteles (Leipzig 1897). Jacques Le Rider reproduz trechos desse posfácio no seu livro *Freud, de l'Acropole au*

Oito anos depois, Hermann Bahr publica seu ensaio *Diálogo sobre o trágico*<sup>21</sup>, no qual um “mestre”, um jovem, um médico, um gramático e um artista falam sobre a história da tragédia que teria nascido da repressão cultural das pulsões. Misturando concepções Nietzscheanas com as ideias de Freud, Bahr escreve: “Toda a cultura dos gregos estava assediada em toda parte pela histeria. [...] Mas mesmo assim, a nação conseguiu ainda juntar a força para inventar uma instituição que lhe ajudasse a descarregar sua histeria do modo mais magnífico.” (Bahr, 2010, pp. 3 s.) Na atualidade, porém, a arte perdeu seu poder catártico; o que prevalece na era da ciência e do conhecimento esclarecido, seria a opinião do cientista, o “mestre”. Na atualidade contemporânea, Bahr considera, o trágico teria perdido seu poder sobre a imaginação, e o crítico nega o efeito universal e atemporal que Freud lhe atribuía. O que mais interessa o público moderno, segundo Bahr, seria o interesse racional, a curiosidade intelectual pela psicanálise – seus conceitos, sua teoria – pois é ela que assume agora o poder catártico da tragédia. Bahr explica em termos leigos as ideias da pulsão (sexual), do recalque e do retorno do recalco:

255

“impedida de descarregar-se, a pulsão reaparece repentinamente transformada. [...] Chamamos isto hoje de conversão dos afetos [...]. O médico acenou: “Dois colegas de Viena, o doutor Breuer e o doutor Freud, descreveram esse processo num livro estranho e notável, seus Estudos sobre histeria.” (Bahr, p. 5)

Mas esse reconhecimento precoce de Freud por parte de Bahr e Berger representa a exceção à regra da lenta e tardia afirmação dos estudos psicanalíticos de Freud. Os escritos que hoje consideramos como obras primas da narrativa científica além de exemplos de estilo

---

*Sinai*”, Paris, PUF, 2002, p. 188.

21 Herrmann Bahr, *Dialog vom Tragischen* (1904), *Dialog vom Marsyas* (1905), *Josef Kainz* (1906), in: *Kritische Schriften*, Volume IX, editado por Gottfried Schnödl, VDG Weimar, 2010.

literário primoroso – obras como a *Interpretação dos Sonhos*, que viraram best-sellers –, não estavam ainda muito bem divulgados, nem reconhecidos na primeira década do século XX – muito pelo contrário: ainda em 1904 e 1906 respectivamente, nem Hugo von Hofmannsthal, nem R. Musil tinham lido Freud e Breuer e nada sabiam da publicação da *Interpretação dos Sonhos* (de 1900) cuja tiragem de 600 cópias levou dez anos para ser vendida! Musil escreveu sua primeira obra *O Jovem Törless* em 1904 (publicado em 1906), sem ter lido uma linha de Freud, embora essa obra hoje dê a qualquer leitor a impressão de ter emergido direto da experiência psicanalítica freudiana! E isso apesar da curiosidade geral pelo inconsciente, pelo sonho, os estados de alienação e as alterações extáticas da consciência; tudo isso estava também no primeiro plano dos interesses da nova geração – por exemplo, do grupo *Jung Wien* (Jovem Viena). Um dos escritores emblemáticos desse grupo hoje considerado como muito influenciado pela psicanálise, foi Hugo von Hofmannsthal. Em 1904 ele planejava uma obra envolvendo a outra cena onírica (desdobramento do drama *La Vida és sueño* de Calderon). A ideia de desenvolver a temática barroca à luz do inconsciente freudiano suscitou o desejo de ler o estudo de Breuer e Freud, que Hofmannsthal lembrava apenas pelo título. Graças a Hermann Bahr a quem pediu emprestado os *Estudos de Histeria* (1893), Hofmannsthal tomou conhecimento da publicação da obra mestra *Interpretação dos Sonhos* quatro anos depois do seu lançamento! (Spiel, 1987, 136).

Durante esses primeiros anos da descoberta do inconsciente, havia um personagem interessantíssimo – Lou Salomé – que foi a intermediadora entre o novo conhecimento freudiano e filósofos como Nietzsche e Paul Ree e artistas como Rainer Maria Rilke<sup>22</sup>.

---

22 Sua história da relação amorosa com Rilke: Lou Andreas-Salomé, *Lebensrückblick*, Nikosia, TP Verone, 1951. (*You Alone Are Real to Me*:

Lou Andreas-Salomé, como ela se chamaria depois do casamento, conheceu Freud no final dos anos 1890 e, tendo passado por análises pessoais com Freud, o pai da psicanálise a reconheceu como uma exímia conhecedora intuitiva (e psicanalítica) da alma humana.

### O “Eu irredimível” de Ernst Mach

Pode soar surpreendente no século XXI, mas o desconhecimento de Freud pelos artistas vienenses foi o resultado da concorrência de autoridades no campo da psicologia científica – e entre elas o físico e epistemólogo Ernst Mach ocupava um lugar de destaque. Pois nem em Viena, nem em outras cidades do Império Austro-Húngaro existiam cátedras de psicologia, e os assuntos relacionados eram ensinados tanto por psiquiatras, como por filósofos ou físicos como Ernst Mach. Apenas depois da Primeira Guerra, a Universidade de Viena nomeou Karl Bühler, formado em psicologia experimental, a dirigir o primeiro Instituto de Psicologia no âmbito da Faculdade de filosofia (Spiel, 1987, 139). Seu instituto tinha muitas afinidades com a orientação mais científica da Universidade de Viena e cresceu rapidamente, formando pesquisadores como Paul F. Lazarsfeld, que mais tarde dirigiria o *Princeton Radio Research Project*. Nas décadas anteriores, escolas como a de Freud faziam parte (e muito marginalmente) da Medicina e Psiquiatria, encontrando-se assim sob a sombra de outros grandes nomes – por exemplo, a fama de professores de outras faculdades como o físico Ernst Mach. A teoria machiana reduzia fenômenos psíquicos a elementos sensoriais, interpretando nessa perspectiva materialista e empiriocriticista o papel limitado do Eu como instância moral ou núcleo da personalidade – uma visão que Freud compartilharia com Mach (Freud menciona Mach duas vezes na sua obra, de modo significativo, sempre no contexto do “duplo”<sup>23</sup>).

257

---

*Remembering Rainer Maria Rilke*, tr. Angela von der Lippe, Rochester: BOA Editions, 2003).

23 Freud menciona E. Mach duas vezes: *Das Unheimliche* GW, XII, 262 e

Nascido na Morávia, Mach se mudou de Praga a Viena em 1895 e suas preleções e publicações começaram a exercer imediato fascínio sobre a *intelligentsia* juvenil vienense. Hugo von Hofmannsthal e Hermann Bahr foram apenas dois dos seus muitos ouvintes entre literatos, cientistas, médicos e psiquiatras. É provável que a fama de Mach tenha ofuscado a notoriedade da *Interpretação dos Sonhos* de Freud, pois a publicação dessa última coincidiu com o lançamento da versão popular de uma das obras notáveis de Mach, *A Análise das sensações e a relação do físico e do psíquico*, publicado em 1886, porém reeditada em forma acessível ao grande público em 1900, e com grande sucesso e ampla divulgação. Trata-se de uma contribuição pioneira do “empiriocriticismo” (o método empírico, positivista que examina de modo crítico os pressupostos metafísicos da ciência e da filosofia, para chegar a uma análise mais objetiva de fenômenos na interface entre o físico e o espiritual, como sensações, sentimentos); a doutrina de Mach desvincula assim o domínio psíquico – em alemão “da alma”, *seelisch* – do lastro metafísico das antigas doutrinas especulativas, morais e religiosas. Mach concebe o “Eu” não mais como um núcleo substancial (um eu que sustentaria o pensamento e a identidade moral), mas como um complexo de percepções sensoriais mutantes. Essa análise permite levar em consideração a instabilidade de pensamentos, sentimentos, humores e lembranças cujos processos de reconfiguração a cada dia, ou, melhor dito, a cada momento é examinado em detalhe pelo método empírico de Mach<sup>24</sup>. Assim, o Eu de Mach tem uma constância tão restrita que ele se constitui e desmancha diante do olhar do observador, existindo no fundo como um mero feixe de sensações mutantes, uma impermanência que reduz drasticamente o escopo da responsabilidade e confiabilidade moral do ser humano. Mach apostava – como depois dele Freud – no rápido desenvolvimento

---

Gedenkworte für Popper-Lynkeus, GW XVI, 266

24 Hilde Spiel, *Thinkers and Dreamers*, 133 ss. Paul-Laurent Assoun...

da física e da matemática para mapear melhor essas reconfigurações dos complexos sensoriais, e por isso é considerado um dos fundadores da psicologia da Gestalt. A ideia do “Eu irredimível” prepara de certo modo o ambiente para a visão freudiana do inconsciente, da pulsão e da plasticidade do psiquismo humano, que opera à revelia das instâncias morais do superego e do Eu consciente.

É fácil de entender por que Freud, rodeado por cientistas e teorias científicas, insistia tanto sobre o valor científico dos conceitos fundamentais da psicanálise e exigia sua estrita observância! A influência de Mach era enorme nos círculos científicos, intelectuais e literários na Áustria e no mundo, sua autoridade reconhecida por figuras como Einstein e muitos outros cientistas importantes.

O grupo literário *Jovem Viena* (*Jung Wien*) em torno de Hofmannsthal, A. Schnitzler e H. Bahr estava por inteiro sob a influência de Mach (Spiel, 1987, 136). As ideias de Mach anteciparam de longe a psicanálise de Freud e deixaram profundas marcas nas obras de Schnitzler (*Das Weite Land, Doutor Bernardi*) e de H. von Hofmannsthal (*Der Schwierige*). É com Mach que ambos autores aprenderam a refinar seus *insights* nas malhas mais finas do desenho psicológico e nos *degradés* que levam, quase sem hiatos, da moral à total amoralidade (Spiel, 1987, 128 s.). Foi o mérito de Bahr de abrir o horizonte de seus colegas escritores para o novo universo do inconsciente freudiano, ao publicar, em 1904 um Ensaio intitulado *Diálogo sobre o Trágico* – não sem misturar as noções dos *Estudos sobre a Histeria* de Breuer e Freud com conceitos filosóficos como a catarse de Aristóteles ou a ideia da maleabilidade do Eu “irredimível” de Ernst Mach.

Para os círculos literários de Viena Hermann Bahr foi um dos maiores divulgadores das ideias – já famosas – de Mach e dos estudos psicanalíticos ainda pouco conhecidos em Viena na primeira década do século XX. No “Diálogo sobre o Trágico” (1904, Bahr 2010) Bahr faz pontes associativas entre as ideias de Nietzsche, Mach e de Freud – introduzindo analogias interessante, mas vagas, que alimentariam os



equívocos da psicanálise selvagem de jornalistas, intelectuais e artistas frequentando os cafés (Griensteidl, Central e Herrenhof) e os salões das damas esclarecidas de Viena (por exemplo, as casas da educadora e filantropa Dra. Eugenie Schwarzwald, ou de Bertha Zuckerkandel e, num nível mais mundano e político, a de Alma Mahler Werfel).

\*\*\*

Freud considerava sua teoria do inconsciente como apenas uma das vias de acesso aos “mistérios que envolvem todas as coisas” pelos quais sentia desde jovem uma “curiosidade ardente” – como ele se expressou numa carta a Martha Bernays em julho 1883, destacando a novela de Flaubert, *La tentation de Saint Antoine* como um de seus contos preferidos. Embora ele mesmo tenha mais talento racional, ele venera as intuições perspicazes dos artistas, cujas obras transmitem muitas vezes algo mais que prazer e conhecimento: elas colocam “a questão dos verdadeiros enigmas da vida, de todos os conflitos do sentimento e das pulsões; assim ele [o artista] reforça nossa consciência e nossa perplexidade diante dos mistérios que envolvem todas as coisas”.

260

Freud sentia-se sinceramente honrado com as atenções de escritores que admirava, e suas cartas expressam grande admiração pelas intuições psicológicas espontâneas dos artistas, em particular, as de Arthur Schnitzler a quem dirigiu a seguinte carta:

Há muitos anos tenho consciência da concordância de longo alcance, que existe entre os seus e os meus pontos de vista quanto a algumas questões eróticas e psicológicas e recentemente encontrei a coragem para enaltecê-la<sup>25</sup> de modo expresso (Análise de fragmentos de uma histeria – nota , 1905). Sempre me perguntei, fascinado, de onde o senhor pôde ter obtido este ou aquele conhecimento secreto que adquiri através da minha

---

25 Freud refere-se à concordância espontânea e independente das intuições psicológicas envolvendo a sexualidade nas obras de Schnitzler com as suas próprias.

árdua exploração do objeto e, finalmente, terminei por invejar o poeta a quem, no mais, admiro.

Pois o senhor pode imaginar o quanto me alegraram e honraram as linhas nas quais me diz, que também meus escritos geraram no senhor semelhante excitação. Quase me lastimo de precisar ter chegado aos 50 anos de idade para vivenciar algo tão lisonjeiro. (Freud a Schnitzler, carta de 8 de Maio de 1906, Tavares, 2017 p. 4 s.)

E em 14 de maio de 1922 Freud felicita Schnitzler pelo seu aniversário de 60 anos dizendo:

Ao longo de todos estes anos, atormentei-me com a pergunta, sobre por que não tentei entrar em contato com o senhor e ter consigo uma conversa (sem levar em consideração, é claro, se o senhor mesmo veria com bons olhos tal aproximação).

A resposta a esta pergunta contém a confissão que me parece demasiado íntima. Penso que eu o evitei por uma espécie de temor ao duplo. Não que eu tenha a tendência a me identificar facilmente com outras pessoas, ou que queira ignorar a diferença de talento que me separa do senhor, senão que, sempre que me aprofundo em suas belas criações, creio encontrar sob a aparência poética, as mesmas convicções, interesses e conclusões que reconheço como meus próprios.

261

(Freud a Schnitzler, 14 de maio 1922, Tavares, 2017 p. 6)

Comparado com escritores como Schnitzler ou Flaubert, Freud reconhece que tem uma postura bem mais racionalista – como ele deixa claro nas primeiras linhas de sua introdução ao Moisés de Miguelângelo, em 1914; a arte o atrai mais pelo conteúdo do que pela forma:

As obras de arte, no entanto, exercem um poderoso efeito sobre mim, especialmente as criações literárias e as esculturas, mais raramente as pinturas. Fui assim levado a ficar à frente deles em todas as ocasiões que se apresentavam, e quis apreendê-los à

minha maneira, ou seja, para estar ciente do efeito que elas têm sobre mim. Nos casos em que não permitem essa penetração racional, por exemplo, na música, sou quase inapto para o prazer. Uma disposição racionalista, ou talvez analítica...

Muitos escritores, críticos literários (e analistas) criticaram o reduzido foco da psicanálise literária de Freud, que visa sempre de novo o conteúdo conceitual. Um dos grandes conhecedores da literatura grega, Frederic Ahl, lamenta que Freud desviou o interesse pela literatura e a tragédia como obra de arte para uma fórmula psicanalítica:

A sinopse mais popular e canônica de Édipo Rei permanece mais ou menos inalterada desde os tempos de Freud: Édipo descobre que, sem intenção, de fato matou o pai e casou com a mãe, e ele se pune por esses atos tal como o deus ordenou. Que lástima ver um texto tão rico ficar espremido em um corpete tão apertado.<sup>26</sup>

262 Até Jacques Lacan disse certa vez que o elo íntimo entre psicanálise e Édipo, não qualifica o psicanalista “de forma alguma a trilhar interpretações no texto de Sófocles” incluindo na crítica o próprio Freud, cujas abordagens dos textos de Dostoievski teriam pouco contribuído para ampliar as limitadas análises acadêmicas. (Lacan, 2001, 12)

### **Encontros e desencontros: o Inconsciente na literatura francesa de André Breton, dos surrealistas e dadaístas**

Nos anos 1930, escreve E. Canetti no seu *O Jogo dos Olhos*, a “praga psicanalítica alastrara-se com tanto sucesso” que nada podia ser narrado sem o interlocutor se sentir convocado a explicar as prováveis causas com alguma vaga referência ao inconsciente (Canetti, 1985 JO, 153). Outro autor perspicaz como um (potencial) psicanalista, Robert Musil, confessou ao psicanalista Dr. René Spitz<sup>27</sup>, um

---

26 Ahl, 2008, 30.

27 René Spitz, judeu de origem húngara, entrou na escola psicanalítica por

membro da Sociedade psicanalítica berlinense, que a moda em torno do inconsciente se parecia com “uma imensa fábrica de palavras” à qual preferia os estudos de Wolfgang Köhler, cujo ensaio “Figuras físicas” (*Physikalische Gestalten*), um dos clássicos do estudo da percepção – teriam de fato criado algo novo para a teoria da Gestalt. (Corino 1083).

Mas por mais que fossem críticos, os autores vienenses sempre fizeram esforço de entender a nova teoria de Freud e de situar seus conceitos no contexto intelectual do seu tempo. Assim o diálogo entre Freud e os artistas vienenses manteve em geral um respeitoso interesse pelos horizontes metodológicos muito diferentes da arte, da crítica e da psicanálise, delegando aos cadernos pessoais as reflexões mais desabonadoras sobre os escritos de Freud.

Muito mais desenvolta, em comparação, foi a recepção dos conceitos de Freud pelas vanguardas francesas. Autores como André Breton e Tristan Tzara apropriaram-se dos conceitos da psicanálise de um modo bastante livre e associativo, apostando nas técnicas (em particular a livre associação) como auxílios na busca de novas formas criativas. A teoria psicanalítica lhes serviu como base científica, legitimando modos incomuns (oníricos, surreais, delirantes) da criatividade poética – embora os conhecimentos teóricos fossem bastante ecléticos e imprecisos, ocasionando a mistura de noções freudianas (inconsciente, livre associação, libido, etc.) com outras terminologias e concepções, quando não a substituição das ideias de Freud por conceitos de Jung, Adler ou Reich.

André Breton descobriu Freud durante a Guerra. Ainda como estudante de medicina entre 1914-18, o autor fez um estágio em psiquiatria no centro neuropsiquiátrico militar em Saint-Dizier

---

indicação de Ferenczi, foi analisado por Freud em 1910-11, em 1926 tornou-se membro extraordinário da sociedade vienense de psicanálise, em 1930 membro da sociedade Berlinense. Foi Spitz o instigador da prática então desconhecida da análise didática.

(1916), dirigido por um ex-assistente de Charcot. Nesse estágio, ele se defrontou com as neuroses de Guerra, e ficou fascinado com os delírios de um paciente que “se pareciam com as especulações de um filósofo idealista como Fichte...” (Aleksic, 2011). Humor à parte, essas neuroses (que hoje chamariamos de estresse pós-traumático) não eram nada risíveis, pois as autoridades as consideravam como simples covardia ou tentativas de desertar. Os pacientes eram suspeitos de simular dor, paralisia e outros sintomas de doença mental para evitar o combate e foram tratados com crueldade – de choques elétricos a condenações à morte! Freud esclareceu os mecanismos inconscientes na origem dessas graves aflições como relator de uma comissão de inquérito solicitada pelo Parlamento austríaco sobre crimes militares e psiquiátricos (ele escreveu a “Perícia sobre o Tratamento Elétrico das Neuroses de Guerra” um texto mais tarde conhecido como *Psychoanalyse der Kriegsneurosen*, Freud, GW XII. 321-4)

264

Depois da guerra Breton deixou de lado seus interesses pelas neuroses de guerra e começou a aplicar seus conhecimentos à criação literária, tornando-se o grande mediador do conceito do inconsciente freudiano na França. Em seguida, o movimento surrealista adota a técnica analítica da livre associação (que Breton chamava de monólogo automático ou sem controle externo) para liberar os conteúdos inconscientes como o principal motor da criação literária e artística. “Recém familiarizado com seus métodos de exame, que eu praticara em pacientes durante a Guerra”, ele parte em busca de novas formas de expressão poética. (Breton, 1988, vol. 1, p. 326<sup>28</sup>). Em uma de suas Crônicas da revista *Littérature*, intitulada “Entrevista com o Professor Freud”, Breton oferece uma narrativa do desenvolvimento das ideias de Freud – tudo em estilo leve, lúdico e

---

28 A. Breton, “Pour dada” in: *Les Pas perdus (Œuvres complètes, édition Marguerite Bonnet, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, t. I, p. 239; sigla OC).*

ao gosto da juventude parisiense, ávida da nova moda da psicanálise (Breton, 1988, vol. I, p. 239).

Mas Breton e seus amigos dadaístas e surrealistas não se restringem à inspiração em Freud, nem se preocupam com o rigor conceitual já considerável da psicanálise dos anos 1920. Buscam apoio também na concepção junguiana do inconsciente coletivo e da libido (entendida por Jung [2000, vol. 5] como energia vital geral mais que sexual 2000, vol. 5)<sup>29</sup> – uma heresia aos olhos de Freud. As tendências anti-individualistas de Tristan Tzara, e a aversão dos dadaístas contra a causalidade e silogismos racionais dos dadaístas, por exemplo, tinham mais afinidades com o inconsciente junguiano<sup>30</sup>, do que com a visão de Freud<sup>31</sup>.

Apenas meio século depois dos estudos de Freud e Breton, a crescente experiência com neuroses de guerra iria surtir abordagens críticas da literatura. Sobretudo os livros do psiquiatra Jonathan Shay abriram esse novo campo, ao analisar inúmeras passagens bastante enigmáticas na poesia de Homero como figuras poéticas que poderiam remeter a traumas inconscientes (hoje chamados de estresse pós-traumático) e feridas éticas provocados pela violência da atividade guerreira. É bastante convincente esse trabalho crítico que compara as estruturas narrativas épicas gregas com os relatos clínicos e experiências de vida dos veteranos de guerra. Freud, sem dúvida teria gostado de livros como *Achilles in Vietnam: Combat*

265

---

29 Jung (GW 5, § 224) define o inconsciente coletivo como uma disposição inata para a formação de representações análogas ou estruturas universais e idênticas da psiqué. Elas correspondem ao conceito biológico do padrão de comportamento.

30 C.G. Jung, *Types psychologiques*, trad. fr., Genève, Georg Éditeur, 1986, p. 456 ; *Métamorphoses de l'âme et ses symboles*, trad. fr., id., 1989, p. 238-240.] » [34]

31 É surpreendente que as vanguardas francesas – tão orientadas para uma mutação social revolucionária – tenham feito pouco caso da psicanálise adleriana (que Adler chamava de psicologia individual comparativa).

*Trauma and the Undoing of Character* ou *Odysseus in America: Combat Trauma and the Trials of Homecoming* (Shay, 1997, 2003).

\*\*\*

Com essas considerações, já estamos além do inconsciente freudiano, no fértil campo que a ampliação do espectro de abordagens psicanalíticas abriu nas últimas décadas. Já nos anos 1919-21, a ortodoxia freudiana sofreu o impacto da pioneira da análise infantil, Melanie Klein (Gay, 2012, p. 471), e depois de suas descobertas da importância da figura materna no desenvolvimento infantil, outros seguidores e críticos de Freud levaram adiante o refinamento das teses freudianas em torno do inconsciente – entre eles Jacques Lacan e Julia Kristeva.

Nos anos 1970 e 80, a crítica literária psicanalítica entrou na sua fase madura, com livros importantes, como *O Fim da Linha* de Neil Hertz ou *A Angústia da Influência* de Harold Bloom. Hertz explora a noção do sublime nos textos literários e psicanalíticos de Longinus a Freud. Mostra os “substitutos autorais” – figuras que aparecem na literatura, filosofia ou psicanálise como emblemas da atividade criativa, por exemplo o personagem Sr. Casaubon de George Eliot ou um cão sarnento num romance de Flaubert que cumprem o papel de duplos ou bodes expiatórios do próprio autor, e cujos sofrimentos figuram as pressões que sofre o autor no seu esforço para a criação de sua obra.

Harold Bloom fez uma interessante transposição dos processos inconscientes que remontam ao conflito edípico para o campo da criação literária. Seu livro *A Angústia da Influência* (1973-1991) investiga a rivalidade de escritores jovens com autores reconhecidos (figuras paternas simbólicas) e as estratégias literárias para superar a sua predominância.

No Brasil, os cursos de Haroldo de Campos familiarizaram a crítica literária com os conceitos de Lacan e de Freud. Nos anos 1980, a obra de Rosa ensejou uma fortuna crítica de inspiração

psicanalítica, como o meu próprio em *Palavras da Crítica* (1992), *A Linguagem Liberada* (1989) e *Desenveredando Rosa* (2006), além dos trabalhos de Susana Kampff Lages, Marcio Seligman, Cleusa Passos, Yudith Rosenbaum, Adelia Prado de Menezes, Tânia Rivera, entre outros. A partir dos anos 2000, os conceitos do inconsciente e do inquietante-estranho (*das Unheimliche*) começaram a ser introduzidos também nos estudos machadianos, por exemplo com trabalhos como os de Lúcia Serrano Pereira (2003, 2008).

Como não é possível abordar toda a massa crítica que o Inconsciente freudiano suscitou, gostaria de terminar esse sobrevoo com algumas observações sobre as pesquisas pós-freudianas que começaram a focar mais a rica atividade fantasmática envolvendo a mãe e o corpo materno. Elas deslocaram a constituição do inconsciente para uma idade bem mais tenra do que o complexo de Édipo de Freud. Melanie Klein, por exemplo, levou adiante a ideia freudiana do “desamparo” neuro-motor do bebê humano (*Hilflosigkeit*<sup>32</sup>), e mostrou a importância da mãe nessa fase inicial do desenvolvimento infantil. Suas análises dos jogos, desenhos e gestos de crianças muito pequenas (abaixo de 2 anos e meio), começaram a delinear uma nova visão da relação infantil com o objeto materno: os desejos, satisfações e também as angústias e agressões que a presença ou ausência do corpo materno suscitam no bebê. Com isso não perdeu, é claro, sua importância a figura paterna-castradora, mas a origem dos fantasmas traumáticos e desejanter se mostrou bem mais complexas do que Freud pensava.

267

Com efeito, o desamparo infantil não acarreta apenas uma prolongada dependência da criança dos cuidados alheios, mas do temporário desajuste da coordenação neuro-motora emerge uma tra-

---

32 Freud refere-se com esse termo a uma peculiaridade do desenvolvimento humano: o nascimento “premature” i. é, num estado de coordenação neuro-motora subdesenvolvida, que deixa o bebê humano durante muito tempo desamparado e incapaz de cuidar da própria sobrevivência, ou seja, dependente de cuidados alheios. Cf. o verbete “*Hilflosigkeit*” (Desamparo) em LP.



ma de percepções confusas e fantasias angustiantes de desintegração e gratificação, despedaçamento e fusão com o corpo alheio-materno. Durante a longa dependência dos cuidados externos o bebê introjeta impressões sensoriais caóticas que se tornam representações inconscientes e duradouras de suas relações com as pessoas (percebidas a partir de objetos parciais, como o seio materno, que ora aparece como objeto “bom” (gratificante) ora como objeto “mau” (frustrante-angustiante), contra o qual o psiquismo mobiliza forte hostilidade e agressão. Preso na ambivalência de fantasias e gestos ora amorosos, ora hostis, a imagem materna ou feminina se torna para o bebê uma figura poderosa e desejada, mas potencialmente perigosa. Klein elucidou por uma via bem diversa da de Freud as relações muitas vezes conflitivas entre mães, filhos e filhas e, sobretudo, tornou mais compreensível a fonte da tão frequente misoginia (muitas vezes combinada com uma excessiva idealização da mulher pura) por parte dos homens. A relação de objeto é particularmente ambivalente no caso das mulheres, pois as crianças do sexo feminino não podem simplesmente rejeitar a imagem feminina devido a uma mais estreita identificação com a figura materna. No seu livro *Soleil Noir*, Julia Kristeva (1989) explica que essa identificação contínua com a mãe pode resultar em melancolia (depressão), pelo conflito inconsciente e a culpa com os quais as meninas têm que lidar no conflito ambivalente de rejeição e identificação com a figura materna. Essas fantasias inconscientes precoces são “o terreno donde jorram a mente e a personalidade individuais” (Klein, 1986, p. 284).

É importante ressaltar que esse “inconsciente” kleiniano causou num primeiro momento polêmica entre Klein e os seguidores mais ortodoxos de Freud, como relata Alix Strachey numa carta ao seu marido (apud Gay, 2012, 471). Mas a perspectiva feminina e materna aberta por Melanie Klein revelou-se particularmente fértil para os estudos shakespearianos, desembocando na abordagem crítica luminosa de uma autora ainda pouco conhecida no Brasil,

Janet Adelman. Ela teve o mérito de mostrar com particular sutileza teórica e crítica como essas estruturas imaginárias inconscientes permeiam os conflitos e obsessões dos personagens masculinos na obra de Shakespeare. Suas análises reunidas no livro *Suffocating Mothers* (Adelman, 1992) incorporam (na esteira de Melanie Klein, Lacan e Julia Kristeva) as fantasias da relação (infantil) com o objeto materno-feminino na explicação das tramas trágicas, oferecendo brilhantes exemplos da predominância do “pesadelo do feminino que pode ameaçar, enfraquecer e contaminar a masculinidade” dos heróis shakespearianos. De Henrique IV a Hamlet e Rei Lear predomina a imagem da mãe corrupta e da fêmea traidora e ameaçadora, contra a qual o homem precisa se precaver ou defender.

Onde Freud e seus seguidores se interessavam apenas pelo inconsciente e o complexo de Édipo envolvendo o fantasma do velho rei Hamlet assassinado, Adelman descobre o continente submerso das angústias relacionadas com o corpo feminino-materno. Na trama particularmente complexa de *Rei Lear*, o amor mesclado com ódio pelas filhas-mães provoca a autodestruição do rei e a destruição da ordem.

269

Exímio psicólogo *avant la lettre*, Shakespeare foi diversas vezes evocado como um precursor da teoria psicanalítica. Há sinais dessa perspicácia psicológica já na primeira cena, que sugerem um elo entre o desamparo (ainda velado) de Lear e seu retorno à infância – e aos desejos que para Freud têm um papel tão importante na vida das crianças, e que ressurgem tão frequentemente na senilidade como uma revolta aos sinais precursores da morte. Tornando ambíguo seu lugar na hierarquia das gerações, ele apela a Cordélia, para que os cuidados de filha-mãe amortecem esse pavor com o obrigatório amor incondicional e a assiduidade incessante, deveres femininos. Nessa peça sem mães, a divisão do reino e a abdicação do velho rei coincidem com a tentativa de Lear de se colocar no lugar de filho de Cordélia – uma espécie de retorno do recalcado, isto é, do

desejo de ganhar de volta a “mãe ostensivamente ocluída na peça”. (Adelman, 2012, 104, Pereira/Rosenfield 2020, 12-70).

Lear espera de suas filhas (e em particular de Cordélia) a mesma atenção e retribuição que um filho espera de sua mãe. É o pai que quer ser tratado como filho. As filhas deverão cuidar do pai senil como as mulheres devem cuidar dos brotos preciosos da prole. O próprio Bobo, amargo, dirá a Lear que ele tornou “tuas filhas, tuas mães”, reversão que põe o mais poderoso dos homens na postura vulnerável de uma criança que deseja o amor fusional, mas ao mesmo tempo se expõe aos avessos dessa forma de amar: aos pavores da dependência absoluta, à possibilidade de aniquilação pela mãe toda-poderosa. Em outras palavras, Shakespeare confronta seu personagem principal Lear com o angustiante mundo fantasmático da época elisabetana, fazendo-o afundar nas paranoias misóginas típicas da época. O patriarca-rei que deveria guiar seu reino para a ordem se enreda nas angústias dos homens obcecados com os poderes secretos do ventre feminino, torturados pela ideia de estrangulamento e aniquilação nas entranhas da mãe, mas ao mesmo tempo condenados a cobiçar esse poder e desejar a união procriadora com a mulher. A loucura de Lear se parece com um surto primitivo que evidencia o trauma e a frustração masculinos que formam o forro de sua fantasia de fusão final com a filha desejada – e com a mãe oclusa e temida (Pereira-Rosenfield, 2020, 45-51).

## REFERÊNCIAS E SIGLAS

GW Freud. *Gesammelte Werke*

LP Laplanche/Pontalis. *Vocabulaire de la Psychanalyse*

ADELMAN, Janet. *Suffocating Mothers: Fantasies of Maternal Origins in Shakespeare's Plays, 'Hamlet' to 'The Tempest'*. New York / London: Routledge, 1992.

\_\_\_\_\_. *Twentieth Century Interpretations of King Lear: A Collection of Critical Essays*. Upper Saddle River: Prentice-Hall, 1978.

AHL, Frederic. *Two Faces of Oedipus. Sophocles' Oedipus Tyrannus and Seneca's Oedipus*. Ithaca, New York: Cornell University Press, 2008.

ALEKSIC, Branko. Freud et les surréalistes, ses “fous intégraux”, *Topique* 2011/2 (n° 115), Paris, 2011, pp. 93 à 112; disponível online:

<https://www.cairn.info/revue-topique-2011-2-page-93.htm#> (29/06/2021)

ALT, Peter-André. *Sigmund Freud. Der Arzt der Moderne*. Munich, Beck, 2016.

ANZIEU, Didier. Oedipe avant le complexe, in: *Les Temps Modernes*, no. 245, Paris, 1966, pp. 675-715.

ARAGON, Louis. *Le Paysan de Paris*. Paris: Gallimard, 1926.

BAHR, Herrmann. Dialog vom Tragischen (1904), Dialog vom Marsyas (1905), Josef Kainz (1906), in: *Kritische Schriften*. Volume IX, editado por Gottfried Schnödl, VDG Weimar, 2010.

BERGER, A. Nachwort zur Katharsis. In: Aristoteles, *Poetik* (ed. GOMPERZ, Theodor), Leipzig 1897.

BEAUVOIR, Simone, *Le Deuxième Sexe*. Paris: Gallimard, 1949.

BETTELHEIM, Bruno. *Kinder brauchen Märchen*. Deutscher Taschenbuch Verlag: Frankfurt, 1980.

BIRO, Adam e PASSERON, René (eds.). *Dictionnaire général du surréalisme et de ses environs*. Paris: PUF, 1982. p. 174.

BONNET, Marguerite. *André Breton et l'aventure surréaliste*. Paris: José Corti, 1975.

BLOOM, Harold. *A Angústia da Influência*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

BRETON, André. *Oeuvres Complètes*. Paris: Gallimard/Pléiade, 1988.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. *As Fadas no Divã*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DARWIN, Charles. *On the Origin of Species*. London: John Murray, 1859.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *Anti Oedipe. Capitalisme et esquizo-phrénie*. Paris: Minuit, 1972.

FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke – Chronologisch geordnet*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1930 / 1999. SIGLA GW

\_\_\_\_\_. *Studien über Hysterie – Estudos sobre Histeria*, 1895: GW I

\_\_\_\_\_. *Die Traumdeutung - Interpretação dos Sonhos*, 1900: GW II/III ou IS na *Obra Completa online*.

\_\_\_\_\_. *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie - Três ensaios sobre a sexualidade* GW V, p. 127.

\_\_\_\_\_. *Die Kulturelle Sexualmoral und Die Moderne Nervosität* (1908) GW VII, 143-169

\_\_\_\_\_. *Der Wahn und die Träume in W. Jensens ‚Gradiva‘*. GW VII, 29-122.

\_\_\_\_\_. *Über einen besonderen Typus der Objektwahl beim Manne* GWVIII, 73

\_\_\_\_\_. *Das Unbewusste*, GW X, 295 *Die Verdrängung* GW X, 250

\_\_\_\_\_. *Das Unbehagen in der Kultur - O Mal-estar na civilização* (1930), GW XIV, 419-505

272 \_\_\_\_\_ *Totem e Tabu* (1913), GW IX

\_\_\_\_\_. *Ansprache im Frankfurter Goethe-Haus*. (1930) GW XIV, 547-550.

\_\_\_\_\_. *Dostoiewski und die Vätertötung*, GW XIV, 399-414

\_\_\_\_\_. *Obra Completa*: <http://lelivros.love/book/download-a-interpretacao-dos-sonhos-sigmund-freud/> (última consulta 8/7/2021)

FREUD, Sigmund und Breuer, Joseph, *Studien über Hysterie*. Leipzig und Wien: Franz Deuticke, 1895.

FREUD, S. – FLIESS, W. *The Complete Letters of Sigmund Freud to Wilhelm Fliess*, 1887-1904. Nova York: Belknap Press, 1985.

FREUD, Sigmund. *Briefe*. In: Projekt Gutenberg-DE. Disponível em <http://www.projekt.gutenberg.de/buch/6433/27> acesso em 14 de julho de 2012.

FRAZER, Sir James George. *The Golden Bough: A Study in Magic and Religion*. Oxford: World's Classics, 2009.

GAY, Peter, Freud. *Uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

JONES, Ernest. *Hamlet and Oedipus*. New York: Norton, 1946.

HARTMANN, Robert Eduard von. *Philosophy of the Unconscious*, 3 vols., (incl. *Das Unbewusste vom Standpunkte der Physiologie und Descendentztheorie and its Refutation*). Engl. trans. by William Chatterton Coupland, 1884 (1868).

HAUSMANN, R. *Courrier Dada, livre de souvenirs personnels*. Paris: Le Terrain Vague, 1958.

HERBART, Johann Friedrich. *Psychologie als Wissenschaft*. Unzer: Königsberg, 1824.

HERTZ, Neil. *O Fim da Linha. Ensaios sobre psicanálise e o sublime*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

HOFMANNSTHAL, Hugo von. *Der Schwierige*. Berlin: Hofenberg, 2016

LACAN, Jacques, *Lituraterre. Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001.

KLEIN, Melanie. The Development of a Child. In M. Klein, *Contributions to Psycho-analysis*. London: Hogart Press, 1948. (Trabalho original publicado em 1921.)

\_\_\_\_\_. Sobre a observação do comportamento dos bebês. In: M. Klein, *Os progressos da psicanálise* (4a. ed.). Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

KRISTEVA, Julia. *Soleil Noir. Dépression et Mélancolie*. Paris: French & European Publications, 1989.

JUNG, C.G. *Gesammelte Werke*. 20 vols. Zurich: Patmos Verlag, 2000.

LAPLANCHE, Jean, PONTALIS, J. B. *Vocabulaire de la Psychanalyse*. Paris: PUF, 1981.

LAPLANCHE, Jean. *Nouveaux fondements pour la psychanalyse*. Paris: PUF, 1987

\_\_\_\_\_. La psychanalyse: mythes et théories. In: *Revue Française de psychanalyse*, n°3, Paris, 1998, pp. 894-898.

MACH, Ernst. *Die Analyse der Empfindungen*. Jena: G. Fischer, 1902.

MEZAN, R. *Interfaces da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MILLET, KATE. *Sexual Politics*. New York, Doubleday & Co., 1970.

Musil, Robert. *Tagebücher*, 2 vols. Ed. Adolf Frise. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 1976.

\_\_\_\_\_. *Kleine Prosa und Schriften*. Rowohlt, Reinbeck bei Hamburg, 1978.

OLIVEIRA, Marcella Pereira de. Melanie Klein e as fantasias inconscientes. *Winnicott e-prints*. vol. 2, no. 2, São Paulo, 2007, acesso em 29/06/21.

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-432X2007000200005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2007000200005)

PAQUET, A. Brief an S. Freud, 26. 7. 1930. In: S. Freud GW XIV, 545 f., Anm. 1.

PEREIRA, L. F., ROSENFELD, K.H. Introdução. In: SHAKESPEARE, William. *Rei Lear*. São Paulo: Penguin, 2020. pp. 7-71.

PEREIRA, Lúcia Serrano. *O conto machadiano: uma experiência de vertigem*. Porto Alegre: UFRGS, 2008. [Tese de doutorado]

\_\_\_\_\_. *Um narrador incerto: Dom Casmurro entre o estranho e o familiar*. Porto Alegre: UFRGS, 2003. [Dissertação de mestrado]

RIVEIRA, Tania. O outro ou o outro: Guimarães Rosa e a transferência. *Psychê*, vol. VII, núm. 12, dezembro, 2003, pp. 47-64

ROSENFELD, Kathrin H. *A Linguagem liberada*. São Paulo: Perspectiva 1989.

\_\_\_\_\_. *Desenveredando Rosa. A obra de J. G. Rosa e outros ensaios rosianos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.

\_\_\_\_\_. O Inconsciente. In: JOBIM, José Luís (org.) *Palavras da Crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

\_\_\_\_\_. *Oedipus Rex. The Story of a Palace Intrigue*. Colorado: Davies Group, 2013.

274

\_\_\_\_\_. *Antigone. Sophocles' Art – Hölderlin's Insights*. Colorado: Davies Group, 2010.

\_\_\_\_\_. *Antígona. Intriga e Enigma. Sophocles lido por Hölderlin*. São Paulo: Perspectiva. 2016.

\_\_\_\_\_. Freud e Musil - ou - psicanalista contra vontade, *Pandaemonium Germânicum*, vol. 15, no. 20, 2012.

SALOMÉ, Lou Andreas. *Lebensrückblick*. Nikosia: TP Verone, 1951.

\_\_\_\_\_. *You Alone Are Real to Me: Remembering Rainer Maria Rilke*, tr. Angela von der Lippe, Rochester: BOA Editions, 2003.

SCHIPPERS, Birgit. *Julia Kristeva and Feminist Thought*. Edinburgh University Press, 2011.

SCHNITZLER, Arthur. *Das Weite Land*, in: *Die Dramatischen Werke*. Band 2, Frankfurt a.M. 1962, S. 219-242.: 1.

\_\_\_\_\_. *Tenente Gustl*. Trad. M. Backes. **São Paulo**: Record, 2012.

SEGAL, Robert A. *Myth: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford UP, 2004.

SHAY, Jonathan. *Achilles in Vietnam: Combat Trauma and the Undoing of Character*. New York: Scribner, 1995.

\_\_\_\_\_. *Odysseus in America: Combat Trauma and the Trials of Homecoming*. New York: Scribner, 2003.

SMITH, William Robertson. *Lectures and Essays*. 6 vols., edited by J. S. Black and G. W. Chrystal. London: Adam & Charles Black, 1912.

SPIEL, Hilde. *Vienna's Golden Autumn. From the Watershead Year 1866 to Hitler's Anschluss*. New York: Weidenfeld and Nikolson, 1987.

STAROBINSKI, Jean. *Psychanalyse et littérature*. In: *La relation critique II*. Paris: Gallimard, 1970.

TAVARES, Pedro Heliodoro. Duas cartas de Freud a Schnitzler. in: *Arte-filosofia* no. 23, São Paulo, 2017, pp. 3-7 Online: <file:///Users/kathrinrosenfield/Downloads/1151-Texto%20do%20artigo-2521-1-10-20180126.pdf> consultado 23 de maio 2021)

TRÉHOT, Jacques. *Le Secrèt d'Alcove. Formation Clinique du Champ Lacanien*, Paris, 2012; online: <http://www.cliniquepsychanalytique.fr/2012/4/theme.php?ccpid=4>

VERNANT, Jean-Pierre. Oedipe sans complexes. In: *Mythe et Tragédie*. La Découverte: 1972, pp. 83-98 s.

WAUGH, Patricia ed. *Literary Theory and Criticism*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

WESTERMARCK, Edvard Alexander. *The History of Human Marriage*. New York: Macmillan, 1891